

Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX ST 40

Joselina da Silva (UFRJ)<sup>1</sup>

Palavras chaves: Identidade racial, mulheres negras, movimento social negro

### **Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina<sup>2</sup>**

Inúmeras foram as manifestações da sociedade civil com o fim da ditadura do Estado Novo (Skidmore, 1982; Gohn, 1995). A segunda metade dos anos quarenta foi marcada por diferentes efemérides de âmbito nacional que influenciaram de forma direta a constituição do movimento social negro (Andrews, 1991/ Nascimento, 1982). É neste cenário que os nomes de várias mulheres tomam lugar de destaque, num ambiente de luta anti-racista. Nosso exercício será de analisando três expressivas lideranças negras e suas demandas que se realizavam na intercessão entre o gênero e a raça, numa perspectiva de associar suas trajetórias à superação das desigualdades. São elas: Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodoro de Araújo e Antonieta de Barros.

#### **MARIA DE LURDES NASCIMENTO:**

O I Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, transformou-se num dos grandes momentos em que as mulheres negras apresentaram vários trabalhos (Nascimento, 1982). A voz de Maria de Lurdes Nascimento se fez ouvir em defesa da realização de estudos que permitissem atentar para os problemas de ordem psico-sociais da prostituição e pelos direitos das empregadas domésticas. Ela coordenou o departamento feminino e criou o Conselho Nacional de Mulheres Negras em maio de 1950, como um dos braços do TEN. O conselho contava com um departamento jurídico para atendimento à população negra em várias necessidades, entre elas a obtenção da certidão de nascimento. Criou também um balé infantil, cuja aula inaugural foi ministrada pela grande bailarina afro-americana, Katherine Duncan. Ao lado da reorganização da sociedade democrática, no pós ditadura varguista reestruturaram-se também os jornais negros, dando início ao terceiro momento da imprensa negra entre 1945 e 1963 (Fernandes, 1965; Andrews, 1991; Mendes, 1993). No Rio de Janeiro é publicado o jornal *Quilombo* pelo Teatro Experimental do Negro, contava

com a gerência de Maria Nascimento e com sua coluna *Fala Mulher*. Seu estímulo à participação política das mulheres, demonstrava o vanguardismo de seu pensamento:

*“Se nós mulheres negras do Brasil, estamos mesmo preparadas para usufruir os benefícios da civilização e da cultura, se quisermos de fato alcançar um padrão de vida compatível com a dignidade da nossa condição de seres humanos, precisamos sem mais tardança fazer política.... Precisamos constituir um exército de eleitoras pesando na balança das urnas, usar o máximo as franquias democráticas que nos asseguram o direito que é também o sagrado dever cívico de votar e sermos votadas para qualquer pleito eletivo nas próximas eleições de 3 de outubro”<sup>3</sup>*

Sua voz se fez audível em diferentes edições do referido jornal, procurando cobrir temas da atualidade, sempre dirigindo-se às mulheres negras. Sua crítica social assumia um tom de reivindicação e denúncia acompanhadas de uma aura de aconselhamento, como se fora uma missiva.

*“Queridas leitoras e amigas, volto mais uma vez a falar das nossas crianças....Essa infância precocemente adulta pela promiscuidade e pela necessidade de trabalhar... é em sua quase totalidade de cor.... O coeficiente de mortalidade infantil no Distrito Federal entre 1939 -1941... segundo estatísticas do Departamento Nacional da Criança.....morrem quase duas crianças de cor por uma branca. Na cidade de São Paulo a situação é ainda mais grave”<sup>4</sup>*

A coluna era uma conversa que se renovava a cada edição, sempre com vistas a conchamar as afro-brasileiras para a participação coletiva em prol da luta anti-racista. *Nada de desânimo quando uma maternidade nos negar ingresso. Devemos ...usar todos os meios e remover todas as dificuldades, ainda mesmo que sejam motivadas por discriminação de cor....*<sup>5</sup>. A atuação de Maria Nascimento demonstrava que a ação do jornal se ampliava quando os recortes de gênero e etário (infância, no caso) eram agregados à reflexão. Como assistente social, Maria Nascimento acompanhava de perto as mazelas sociais da cidade e transformava sua coluna num púlpito de onde fazia públicas suas inquietações com o que testemunhava no seu dia-a-dia.

*“É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de*

*entrar e sair do serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e pós parto sem maternidade sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho*<sup>6</sup>.

A demanda pela criação de leis que protegessem as empregadas domésticas foi um dos clamores presentes nos documentos finais do I Congresso do Negro brasileiro (RJ / 1950). Dentre as pessoas que mais arraigadamente as defendiam, tínhamos Maria Nascimento. As discussões ocorridas no conclave eram refletidas nas páginas do periódico, principalmente na coluna *Fala Mulher*: “*Para as empregadas domésticas o regime é aquele mesmo regime servil ... pior do que nos tempos da escravidão...A regulamentação do trabalho doméstico .. é de uma urgência que não admite mais protelações*”<sup>7</sup>. O *Jornal Quilombo* circulou entre dezembro de 1948 e julho de 1950, sempre com as colunas assinadas por Maria Nascimento voltadas para as mulheres negras.

#### **NAIR THEODORA ARAÚJO:**

Lembrávamos, no início deste texto, a respeito da grande mobilização das forças populares, nos anos que se seguiram ao final do Estado Novo. É também neste período que ocorre um grande crescimento do teatro mais voltado para a cultura nacional (Prado,1993). Persistia, no entanto, a imagem de subserviência dos negros brasileiros, perpetuada pela literatura (Mendes,1993). O nome da atriz Nair Araújo toma lugar de destaque na cidade de São Paulo, exatamente nesta ocasião, com sua participação inicial na Associação Cultural do Negro. O ano de 1948 viu surgir em São Paulo a ACN (Associação Cultural do Negro), fundada por antigos líderes da Frente Negra dos anos trinta. Suas principais atividades foram palestras, debates, aulas de inglês, matemática, português e oratória. Havia um grupo de jovens que era associado a dois outros grupos teatrais: O Teatro Experimental do Negro (em sua versão paulista) e o Teatro Brasileiro do Povo (Andrews, 1991). Em pleno período inicial de luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e da articulação em diferentes países contra o apartheid sul africano, a ACN organizou um ato de repúdio contra a discriminação racial nos dois países. Neste grupo, entre outras mulheres ressaltamos a atuação de Nair Theodora Araújo, membro do departamento cultural. A ativista também participou ativamente da fundação do Teatro Experimental do Negro (SP). Nair foi aluna de um importante curso em

São Paulo, intitulado curso de oratória Rui Barbosa, coordenado pela União Brasileira de Escritores. Tal formação permitiu-lhe atuar em várias peças no Teatro de Arena (fundado em 1956), sendo uma das principais, o grande sucesso *Arena Canta Zumbi*. Fez trabalhos também em televisão. Por sua contribuição financeira – e de mais dois outros ativistas – foi publicado o primeiro volume da série “*Cultura Negra*”, organizada pela Associação Cultural do Negro. Esta atriz, cantora e declamadora foi uma das responsáveis pelos festejos do centenário de nascimento de Cruz e Souza, organizado pelo mesmo grupo, em 1961.

Seu intenso ativismo iniciado nos anos quarenta transformaram-na em figura referencial sobre as questões dos afro-brasileiros. Passou a ser presença obrigatória em debates de jornais, universidades e programas de televisão. Uma de suas grandes atuações foi a fundação da livraria Contexto em São Paulo, especializada em livros de cultura negra, história da África e relações raciais. Foi uma das primeiras casas em seu gênero no país. Durante anos, a Contexto foi ponto de encontro da intelectualidade afro-brasileira na capital paulista, até os anos oitenta. Para onde acorriam os ativistas do movimento social negro durante o intenso período dos anos setenta em São Paulo. Assim, o nome de Nair Theodora Araújo se faz presente em diferentes e referenciais atividades principalmente no teatro da cidade de São Paulo – entre o final dos anos quarenta e a década de oitenta. Sua trajetória sempre esteve associada à meta da valorização dos afro-brasileiros e à destituição do racismo. A livraria fundada por ela, segue sendo dirigida por sua filha, na capital paulista.

#### **ANTONIETA DE BARROS:**

O ano de 1948 marca a volta ao cenário político de Antonieta de Barros. Como membro da Assembléia Legislativa eleita pelo Partido Social Democrático, Antonieta se dedicava à melhoria do ensino, à criação de concursos para professores, como também propunha a instituição de bolsas de estudos para cursos superiores. É na efervescência daquela década que vamos tê-la, em Florianópolis, como a primeira mulher negra eleita deputada estadual constituinte. no país, em 1935. Note-se que apenas no ano anterior o direito ao voto, para as mulheres, havia sido outorgado. Ainda assim, ela recebeu 35.484 votos. O golpe do Estado Novo, fechando o Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas, pôs fim ao sistema democrático provocando o encerramento de seu mandato. A preocupação com o

engrandecimento da Pátria foi uma constante na lide política desta mulher que fez do jornalismo e da educação suas cátedras de conscientização. Em seu livro *Farrapos de Idéias*, que veio a público em 1937 - como uma compilação de artigos publicados no jornal A República, aos domingos - a autora defendia o seguinte ponto de vista :

*“Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas também, principalmente pela sua cultura. Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização que é muito mas não é tudo. Daí a necessidade de se tornar acessível aos que não tem o ouro sonante - mas o ouro que não se compra o da inteligência – uma cultura superior”<sup>8</sup> E dessa cultura de massas... esperamos que surjam pátrias maiores por uma humanidade melhor”* (Barros, 2001: 23).

O texto de Antonieta de Barros nos mostra sua luta pela formação do povo, para além da educação básica. Uma cultura que todos o as camadas da população pudessem compartilhar de foram igualitária era o seu pleito. Como intelectual, Antonieta pertenceu ao Centro Catarinense de Letras, instituição literária da década de vinte. Poetisa publicava em jornais locais, sob o pseudônimo de Maria da Ilha. Dirigiu a publicação *Vida Ilhêa*. Entre 1922 e 1927. A professora de Português, de Psicologia e jornalista foi responsável pelo jornal *A Semana*, de Florianópolis, fundado por ela. Paralelamente, também a partir daquele ano, alfabetizou em casa, crianças de baixa renda da cidade. Esta atividade teve seu curso interrompido apenas em meados dos anos sessenta. O que significa dizer que durante quatro décadas sua atuação pedagógica influenciou diversas gerações. Incansável na sua argumentação por melhores condições educacionais para as crianças oriundas das camadas menos favorecidas da população, assim se expressava.

*“É lamentável o divórcio existente entre as crianças pobres e o livro... Todos nós temos o dever e o direito do trabalho, mas temos, também, necessidade de cultura para viver, no sentido pleno da palavra...É preciso, portanto que, desde a escola.... a criança contraia o gosto pela leitura, sinta prazer de penetrar, por intermédio do livro no mundo encantado da arte e saber... A iniciativa deve partir dos que dirigem os nossos estabelecimentos primários..”* (Barros, 2001: 92)

Embora ela mesma as classificasse como “*crônicas ligeiras de rodapé*”, na introdução do livro (agosto de 1937), seu pensamento registrado ali, nos permite divisar uma constante preocupação e análise sobre o cotidiano. Antonieta de Barros pertencia ao Partido Social Democrático (PSD). Reeleita em 1948, cumpriu o mandato até 1951, quando abandonou a vida parlamentar, voltando-se exclusivamente para à educação infantil.

### **Pensamentos conclusivos**

Diferentes marcos podem ser observados quando se pretende abordar a organização social de mulheres e homens negros no Brasil. Neste sentido, o objetivo deste texto foi fazer uma breve panorâmica sobre as múltiplas características de algumas das organizações negras datadas da segunda metade dos anos quarenta. Procuramos fazer este passeio, sempre a partir da perspectiva de algumas mulheres que o protagonizaram. Sabemos que muitos outros nomes poderiam ser incluídos nesta contextualização. Deixamos de fazê-lo por exigüidade de espaço e por reconhecer que maiores pesquisas, com este fim, ainda estão por ser realizadas. Inúmeros poderiam ser os elos a serem utilizados aqui para unir as trajetórias individuais destas líderes femininas. Recortaremos três: O primeiro deles o de serem afro-brasileiras em posição de liderança num período de tantas demandas pelo retorno da democracia plena para todos os brasileiros e para os afro-brasileiros em particular. O segundo ponto de convergência, encontra-se na atuação de cada uma delas no interior de organizações nas quais a demanda por direitos ultrapassava o grupo específico e se estendia para todos os (as) brasileiros (as). Uma na educação, outra na arte e a terceira na imprensa, estas três afro-brasileiras faziam reverberar, um conceito, ainda virgem naqueles tempos. Apontavam que os níveis de incidência das desigualdades, se diferenciam quando os fatores raça, gênero, pobreza e faixa etária se conjuminavam.

Ao longo de suas trajetórias, aquelas três mulheres buscavam, portanto, reconhecimento para as mulheres negras e a infância empobrecida, no âmbito do estado nação brasileiro. Se considerarmos que, pautado no discurso liberal e universalista, o nacionalismo tende a estimular a negação das diferenças (Anderson, 1994/ Mauss,1969), o estado brasileiro era em sua formação excludente e discriminador. Então, estas afro-brasileiras e muitas de suas contemporâneas - mais do que tratar de inclusão e ascensão social - buscavam a

participação igualitária no projeto nação brasileiro. A luta era, então, contra o estado, na sua forma racializada.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- Andrews**, George Reid, *Blacks and whites in São Paulo, Brasil. 1988 –1988*. The University of Wisconsin Press, 1991.
- Barros**, Antonieta de. *Farrapos de Idéias*. Comissão do Centenário de Antonieta de Barros. Florianópolis 3.a Edição. 2001.
- Bastide, R. e Fernandes F.** *Branços e Negros em São Paulo*. 3 ed. SP: Nacional, 1971
- Cadernos Brasileiros**. *80 anos de abolição*. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, 1968.
- Cuti; Leite**, José Correia. ....*E disse o Velho Militante*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- Fernandes**, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: EDUSP, 1965.
- Ferrara**, Mirian Nicolau: *A imprensa negra paulista (1915- 1963)*. São Paulo, PFCLCH / USP, 1986.
- Hanchard**, Michael George. *Orpheus and Power. The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brasil 1945-1988*. Princeton, New Jersey. Princeton University Press. 1988
- Nascimento**, Abdias do. *O Negro Revoltado*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.a ed, 1982
- Nascimento**, Elisa Larkin. *O Sortilégio da cor. Identidade, Raça e Gênero no Brasil*. São Paulo. Summus. 2003.
- Pinto**, L. A. Costa. *O negro no Rio de Janeiro*. São Paulo: Nacional, 1952
- Silva**, Joselina. “A União dos Homens de Cor : Aspectos do movimento negro dos anos quarenta e cinqüenta”. In Estudos Afro Asiáticos. Ano 25. Vol. 2 . (Maio-julho 2003) RJ.
- Skidmore**, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo. – 1930- 1964*. 10.a Edição. Paz e Terra. 1982

#### **Jornais e documentos consultados:**

**Jornal Alvorada**. São Paulo, maio de 1945

**O Quilombo**. *Vida, Problemas e Aspirações do Negro*. Edição fac-similar. Dirigida por Abdias do nascimento. Apresentação Eliza Larkin e Abdias do Nascimento; Introdução: Antonio Sérgio Guimarães. São Paulo. Fundação de Amparo à Pesquisa. Editora 34, 2003. Anuário, 1987. *Mulheres Negras no Brasil. Recuperando nossa História*. Conselho Estadual da Condição Feminina. SP

---

<sup>1</sup> Professora de Sociologia (UFRJ)

<sup>2</sup> A primeira versão deste artigo foi apresentada no XXV Congresso de Sociologia (ALAS)- Grupo: Gênero, Desigualdades e Cidadania. Porto Alegre. 22 a 25 de agosto de 2005.

<sup>3</sup> Jornal Quilombo. Ano II. N. 6 , Rio de Janeiro. 1950.

<sup>4</sup> Jornal Quilombo. Ano I , Rio de Janeiro, Maio de 1949

<sup>5</sup> Jornal Quilombo. Ano I , Rio de Janeiro, Maio de 1949

<sup>6</sup> Jornal Quilombo. Ano I , Rio de Janeiro, Julho de 1949

<sup>7</sup> Jornal Quilombo. Ano I, Rio de Janeiro, Julho de 1949

<sup>8</sup> Barros, 1991: 135